

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GISELE GAIANI

**EDUCAÇÃO:
O MEMORIAL DE UMA LUTA**

CAMPINAS

2005

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

GISELE GAIANI

**EDUCAÇÃO:
O MEMORIAL DE UMA LUTA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2005

© by Gisele Gaiani, 2006.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Gaiani, Gisele.

G123e Educação : o memorial de uma luta : memorial de formação / Gisele

Gaini. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

**Aos que fazem da realidade, uma luta
uma causa ganha...**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais (Carlos R. Gaiani e Ana M. C. Gaiani) que desde sempre me apoiaram em todas as minhas decisões, e sem os quais jamais poderia ser hoje quem sou.

A companheira de classe Denise Bonifácio (Dê para os íntimos, e como eu fui logo chegando...) a quem amo tanto.

Ao amigo Mike que colaborou para que afinal nascesse a criação (senti as dores de parto, houve toda uma expectativa e em meio a contração e finalmente... nasceu).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. DE ONDE VIM?	02
2. AO INGRESSAR NA ESCOLA PÚBLICA	06
3. ENQUANTO O MARIDO NÃO VEM	13
4. MEU INGRESSO NA ESCOLA PRIVADA Como professora, lógico	15
5. E AGORA JOSÉ?	22
6. PROESF, PEDAGOGIA, UNICAMP... Quem sou? Onde Estou?	25
7. APROVEITANDO O QUE SE DISCUTE E O QUE SE VIVE Relação da prática com a teoria	27
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	33
APRESENTAÇÃO	

Aqui inicia-se um ponta a pé nessa partida que sempre existirá: a eterna luta da Educação por fazer valer uma sociedade de oportunidades tanto para uns como para outros sem qualquer distinção (não seremos nem justo nem nada, se acaso quisermos reverter o quadro social, acreditando que apenas os hoje menos favorecidos é que necessitam de um olhar e de um direcionamento libertador educacional, e anda que

sozinha e desamparada, é importante não desistirmos nunca de prosseguir, não perdendo o foco de uma sociedade mais igualitária, a nível de oportunidades, e menos injusta possível).

Este trabalho remete-se às minhas memórias enquanto inserida na educação, seja do ponto de vista de aluna, de professora, de cidadã... são reflexões que vou fazendo e questões que vou levantando ao modo como caminho nas lembranças que me surgem.

Não espero aqui colocar um ponto final antes sim reticências na história construída ao longo dos anos como pessoa que se casou (afinal, houve um casamento) com a Educação (assumimos nosso compromisso, agora... até que a morte nos separe).

1. DE ONDE VIM?

É engraçado falar sobre as minhas memórias quanto aluna, professora e de uma classe economicamente desfavorecida, não possuindo recursos que acredito ser do alcance de outras pessoas de nossa sociedade, os quais facilitam e muito seus acessos a tantas áreas do conhecimento humano bem como o usufruir de uma cultura predominante das altas classes econômicas, e que é usado por muitos como um meio de qualificação e desqualificação da espécie (humana?).

Venho de uma família humilde, papai sempre trabalhou como policial militar para criar seus quatro filhos, e quando o salário pago pelo Estado não fazia nem cócegas no orçamento ele não se intimidava e ia fazer trabalhos extras como vigilante e atividades ligadas a área de segurança. Por conta disso sempre passou muito perigo (recordo-me do dia em que fora surpreendido por elementos que costumam apropriar-se de itens que não lhe são devidos, e quase fora morto, estando em serviço no trabalho extra que realizava – ele é apenas mais um de tantos policiais que vivem a mesma situação, hoje ainda que esteja aposentado, o salário não dá para o seu sustento, de minha irmã caçula e o de minha mãe), sem contar que haviam dias em que ele não dormia e virava vinte e quatro horas trabalhando.

“Sim, sim, sim senhor é pra já...

Apanhar a bola-la

Estender a pata-ta

Sempre em equilíbrio-brio

Sempre em exercício-cio

Corre, cão de raça

Corre, cão de caça

Corre, cão chacal

Sim, senhor

Cão policial

Sempre estou

Às ordens, sim senhor

...

Lealdade eterna-na

Entrar na caserna-na

O rabo entre as pernas-nas

...

Fidelidade

À minha farda
Sempre na guarda
Do seu portão
Fidelidade
À minha fome
Sempre mordomo
E cada vez mais cão” (HOLANDA, Chico Buarque, 1979, Um
dia de Cão).

Mamãe deixou o trabalho fora de casa para criar os filhos, sua criação lhe exigia isso e seguindo sua consciência ela sepultou seus sonhos em prol da prole, limpava a casa, fazia comida, nos asseava para sairmos à rua, mantinha muitos olhos em cima de nós (principalmente em meu irmão André, que era o único menino mas que aprontava horrores, não tinha um único ano em que ele não fraturava alguma parte do corpo, ou que não se machucasse gravemente).

Aliás, saúde foi um item em casa que muito deixou a desejar, eu por exemplo desde bebê sofria de bronquite (meus pais buscaram em todo lugar o alívio para o meu tormento) havendo noites em que eles adormeciam sentados, fazendo massagem em meu pulmão (batendo suavemente as palmas das mãos em forma de concha nas minhas costas). Sempre contamos com o sistema de saúde pública, e em muitos momentos foram excelentes os atendimentos, chegávamos no pronto socorro e dentro de meia hora éramos atendidos (não havia, naquela época de criança, trabalho na prevenção de enfermidades, salvo o tratamento dentário que era dirigido às crianças apenas).

Em casa não faltava comida (este era o lema do meu pai, que por passar privações quando criança, dizia sempre que seus filhos não passariam fome como ele passou), mamãe também adotava tal lema já que também teve uma vida cheia de dificuldades e recordava-se de tempos em que se alimentava basicamente de sopas de fubá. Mas também não tínhamos muitas coisas como televisão colorida, carro, roupas novas para um passeio qualquer, era tudo muito racionado, mas éramos felizes (ou acreditávamos ser).

E nesse contexto, fui criando minha idéia de que deveria crescer (de preferência o mais rápido possível) para ajudar meus pais (até que já ajudava em casa, lavando louça, varrendo o chão, cuidando de meus irmãos menores e tirando poeira dos móveis), comprar um carro para meu pai, dar presentes para minha mãe e levar meus irmão para tomarem sorvete (engraçado como a vida parece simples na mente de uma criança).

Com a minha inserção na Pedagogia pelo Proef, e através da disciplina de Política Educacional e Reformas Educativas, foi nos apresentado a ideologia neo-liberal (a princípio a política liberal que teve início na época da revolução industrial sendo um movimento dirigido pelos burgueses, classe em ascensão naquele dado histórico, mas que basicamente via o sucesso da sociedade no esforço individual de cada um para alcançar-se um sucesso material cada vez melhor – e a política neo-liberal seria uma nova roupagem dessa visão de estruturação social, que é a política na qual nossa sociedade está alicerçada), a qual tira cada vez mais o papel do Estado de assegurar aos cidadãos (que são pessoas que pagam impostos).

Sendo assim, essa minha visão (daquela época de criança) retrata bem a visão na grande parcela da população (as pessoas que se esforçam por tirar de seus suores o sustento de suas vidas e acreditam que dia mais, dia menos, conseguirão alcançar a tão almejada estabilidade financeira, a tão sonhada vida mansa, nem que seja na aposentadoria – nossa realidade mostra que os tantos milhões de aposentados precisam arranjar empregos após se aposentarem porque o salário não consegue satisfazer as necessidades domésticas).

Talvez aqui seja necessário fazer menção a uma outra problemática: por que o salário dos aposentados não está conseguindo cumprir com seu papel de sustento desse cidadão que contribuiu a vida inteira e que chegada a hora de seu descanso, até que a morte o separe do tormento, ele ainda tem que levantar-se cedo e ir trabalhar (aliás, serviços muitas vezes pesados – como vemos pelas ruas idosos carregando carrocinhas de papelão que no final do dia está pesando horrores). Onde estão os que deveriam assegurar uma vida (ou pelo menos o final de uma) digna aos idosos? O que acontece muitas vezes também, é que tais pessoas precisam voltar a trabalhar porque seus filhos e outros tantos parentes estão desempregados, e por que há tantos desempregados no Brasil, sendo que há tantas empresas e mais empresas que abrem suas portas dia a dia? E ainda mais... muitas, não pagam impostos ao governo em nome de se abrir novas oportunidades de emprego... onde estão os que deveriam ver isso?

Bem, nós os responsáveis por isso estamos sentados diante de uma caixa (a televisão – na disciplina de Educação e Tecnologia, sob a orientação do Professor Sergio Amaral e da Assistente Pedagógica Aimar Shimabukuro, abordamos a questão da utilização da televisão como único meio de informação e formação, dos valores inclusos nesta transmissão e também a forma como tal recurso massifica a opinião pública) que

comanda nossa opinião em quem devemos ou não votar nas eleições que se seguem ano após ano, já está mais do que na hora de rompermos com a ignorância estagnada (somos enganados, sabemos disso e não fazemos nada).

“Uma vez que a doutrina liberal repudia qualquer privilégio decorrente do nascimento e sustenta que o trabalho e o talento são os instrumentos legítimos de ascensão social e de aquisição de riquezas, qualquer indivíduo pobre, mas que trabalha e tenha talento, pode adquirir propriedade e riquezas.”
(Cunha, 1991, pg 30)

Aos doze anos insisti para que meus pais permitissem que eu trabalhasse, nessa época morávamos em Campinas em frente a um bosque onde uma prima de segundo grau havia montado uma banca de jornais e revistas, e precisando de alguém para tomar conta me prontifiquei imediatamente para ocupar a vaga (no período da manhã porque à tarde eu ainda estava cursando a sexta série). Pensava que se me esforçasse, se estudasse, se não deixasse a preguiça tomar conta de mim, um dia eu poderia viajar, poderia comprar coisas que a televisão me mostrava, poderia ajudar meus pais (se bem que meus pais já não iam precisar trabalhar tanto na vida porque quando crescesse iria cuidar deles, afinal eles já estariam velhinhos).

Se realmente a ideologia neo-liberal fosse verdadeira, nossa situação financeira seria muito melhor do que é: temos nossa casa própria? Ainda pagamos e com certeza meus pais passarão as prestações para nós (seus filhos). Não passamos privação de alimentos? Não sei, só sei que muitas vezes meu pai tem que fazer mercado no crédito (e a somatória de uma compra do mês equivale muito mais do que cinquenta por cento de seu ordenado). Será que consumimos demais ou será que o gênero alimentício é considerado artigo de luxo (já que muitos passam fome no Brasil, sendo este um país com produtos naturais em grandes quantidades)?

Hoje acredito que temos (em nível material) muito mais do que tínhamos, porém ainda penso que nossa forma de viver esteja voltada mais para a sobrevivência (trabalhar e gastar – sistema de vida capitalista no qual se trabalha para manter um tipo de vida que amenize as revoltas, por enxergar as tantas formas injustas de relações na sociedade), e acabamos tendo de nos sujeitarmos a uma carga de trabalho excessivo já que necessitamos de certos confortos que acreditamos serem necessários (se antes

trabalhávamos simplesmente para ter o de comer, hoje trabalhamos para pagar a casa, o carro, para colocar gasolina, para pagar todos seus impostos, telefone, luz, água, o seguro já que os impostos não nos asseguram que não teremos nossos bens subtraídos, plano de saúde porque o sistema de saúde pública nos dá uma assistência decadente, para ter o que vestir de forma diversa atendendo as diversas situações no plano social, etc).

E com tudo isso, com todo esse conforto que acreditamos ser necessário para que consigamos viver bem, para que possamos estar bem para conseguir trabalhar bem, para então continuar tendo bem a vida que temos, é que acabamos parasitando o planeta Terra, usufruindo dele os recursos naturais e voltando lixo (devido ao consumo exacerbado de materiais industriais).

“A verdadeira posição liberal exige a “igualdade perante a lei”, igualdade de direitos entre os homens, igualdade civil. Tal posição defende que todos têm, por lei, iguais direitos à vida, à liberdade, à propriedade, à proteção das leis...” (Cunha, 1991, pg 31)

Mas de que lei estamos falando? De que direito? A quem está direcionando essa liberdade? Porque à classe desfavorecida economicamente (que se direciona a maior parcela da população) é que não pode ser. Onde já se viu ter direitos um cidadão que trabalha onze horas e meia diariamente, que estuda de noite, e que ainda mora com os pais (que por sinal ainda estão pagando com muito esforço as prestações da casa própria, direito a propriedade... que direito é esse? Onde está que não o vejo?) por que ainda não conseguiu um pedaço de terra para morar?

Pois então essa política neo-liberal ou está nos enganando ou está querendo se enganar, ou está se esquecendo da grande parcela da população ou está apenas beneficiando uns poucos que existem neste meio todo.

2. AO INGRESSAR NA ESCOLA

Quando pequena, nós morávamos em Paulínia (isso foi um pouco antes do nascimento da minha irmã do meio ou talvez na época em que ela nasceu) e as escolas

infantis estavam ainda em expansão (início da década de oitenta) então onde quer que íamos não havia vaga para as crianças que não estavam inseridas no sistema educacional, que nunca tinham freqüentado a escola (ainda mais para quem era recém chegado na cidade – havia uma lista por ordem de chegada e logicamente quem já morava na cidade estava com a prioridade das vagas).

Em uma escola que estava abrindo (com grande festa de inauguração acontecendo, as crianças sentadas nos ombros de seus pais segurando e chacoalhando bandeirinhas verde e amarela), foi onde consegui ingressar para estudar, para ter o direito de ir à escola, de conhecer outras tantas pessoas e situações que a família não conseguia propiciar-me. Que maravilhoso ir à escola, usar um uniforme lindo (sainha de pregas) e ter muitos amigos para brincar; porém, as recomendações eram muitas: teria que obedecer a professora (caso contrário não poderia ir à escola) teria que ajudar as pessoas à minha volta, não brigar com ninguém e ser uma boa menina.

Nessa época pelo menos, não se dava muita confiança ao que uma criança pequena falava e muito menos ao que ela pensava, e como era uma criança quieta só observava e tentava entender o que os adultos faziam (sonhava que um dia também poderia fazer o que eles faziam e até mais, conversaria nas rodas de adultos, todos me olhariam de um modo diferente, teria voz, teria vez), e na escola não era diferente.

Não gostava muito quando tinha atividades com desenhos porque não sabia desenhar, mesmo quando a professora falava que eu sabia (tinha uma colega que fazia pessoas sentadas, pessoas em pé, eu olhava seus desenhos pensava: por que não sei desenhar como ela?), ou então quando ela dava caixinhas vazias de remédio para fazermos o que quiséssemos (eu só queria jogar aquilo no lixo não compreendia a proposta), também não gostava quando tinha leitura de livros porque eu sempre fora grande para minha idade, não podia sentar na frente (aliás, nem na fila e nem em qualquer outro momento eu podia ir à frente) e atrás eu não via direito os detalhes dos livros (afinal de contas porque os livros infantis são tão pequenos e cheios de detalhes, será que eles não foram projetados para que as crianças a uma certa distância enxergassem o que está desenhado?) e a professora também lia baixo para despertar a atenção de todos (na maioria das vezes eu fantasiava as histórias, tentava identificar a imagem e imaginava uma história diferente ou até que tivesse algo relacionado ao que estava sendo exposto).

Certa vez (sempre gostei muito de cantar na escola infantil, antigo jardim da infância, tanto é que hoje muitas músicas que trabalho com minhas crianças são dessa época mesmo, recordo-me delas) peguei um giz de cera marrom e fui fazendo círculos contínuos interligados formando um imenso círculo que tomava a folha toda (enquanto cantava a música: *ciranda, cirandinha vamos todos cirandar...*), mostrei para a professora e disse que tinha escrito a música, ela riu e não me disse nada (mas para mim, eu tinha feito aquilo sim). Isso me deu uma idéia, quando minha mãe ia fazer bolo sempre a acompanhava, comecei a desenhar os ingredientes que ela ia colocando no bolo (os ovos, o leite desenhava um saquinho que era parecido com o da farinha e relações do gênero, já estava fazendo relação entre desenho e escrita).

Meu pai perguntava no trajeto de casa para a escola sobre o que já sabia, e dizia-lhe que já sabia contar até dez, mas que as cores eu ainda não sabia muito bem, só algumas como o vermelho, o amarelo... o azul e o verde sempre confundia, que gostava de ir à escola porque a merenda era muito boa (eu sempre comia tudo), porém os meninos que me chamavam de "gorda, baleia" não gostava muito porque não era assim como eles diziam que eu era (ninguém se aproximava de mim para brincar, exceto a Maristela que era uma menina vesga e magricela, e que também ninguém queria brincar... me sentia meio excluída do grupo, mas sempre tinha a esperança de um certo dia chegar em que colegas de classe me chamariam para brincar com eles...) – eu ficava chateada, mas nem tanto, porque a professora gostava de mim e sempre dizia para minha mãe que era uma boa menina (sempre queria ser uma boa menina para recompensar tudo isso, não tinha colegas para brincar, mas a professora gostava de mim, e isso era muito bom).

Quando tive que sair do *parquinho* para freqüentar a escola de crianças grandes, idéias começaram a rodear minha mente; e ao mesmo tempo em que isso me parecia ser algo extraordinário, tinha medo, porque não fazia idéia do que ia encontrar pela frente. E a escola para onde ia, era novinha, novinha, nós íamos nos finais de semana ver a construção dela (minha mãe e meus irmãos, e até que foi levantada rápido), passávamos por entre as paredes que estavam sendo erguidas, a lousa quando foi posta, o piso e tudo o mais (era lindo ver a escola sendo levantada). E meu primeiro dia de aula; foi num dia chuvoso, minha mãe fez um pão com frango desfiado e um pouco de molho que cheirava longe (ficou num saquinho plástico dentro da mochila que veio meu caderno e meu estojo que a prefeitura de Paulínia havia dado as crianças da primeira série) e todos (pais

e filhos do bairro onde morava, reuniram-se no pátio da escola para ouvirem a chamada dos alunos para as salas). Tinha que prestar atenção na pronúncia do meu nome, pois deveria entrar na fila da classe a qual o meu fosse anunciado – fui pra turma B.

Fiquei tão feliz porque na sala eu ganhei um livro (uma cartilha) logo no primeiro dia, e algumas letras nos foram apresentadas (no terceiro dia eu já estava lendo o primeiro texto: A Pata nada – a princípio eu não entendia o motivo da Pata não ser nada, já que era um bichinho muito simpático o que estava desenhado em cima do texto, de chapéu, laços e tudo o mais, depois é que fui entender que o nada era com respeito ao ato nadar), mas cheguei em casa e li para meus pais o texto... quer dizer na verdade eu tinha era decorado (eram quatro frases) e ao ser questionada para mostrar com o dedo onde estava escrito o que eu estava lendo, eu não sabia (meus pais também, tinham que me tirar o prazer de ser o centro das atenções?).

Aos poucos fui realmente identificando e fazendo ligações de letras, palavras e ia lendo o que me era exposto, toda vez que a professora solicitava alguém na frente da classe para ler sempre ia, toda orgulhosa (tanto é que me sentia a maior, que num prazo de um mês fui transferida para a classe da tia Cristina, que era a turma A, porque eu já estava lendo outras lições à frente da cartilha e a turma ainda estava na Pata nada). Percebi que na escola alguém ia olhar para mim diferente, e de repente, pudesse até ter amigos ou alguém gostar de mim. Foi pensando assim que me esforçava cada vez mais por ser uma boa aluna, em tirar boas notas, de sempre fazer o que a professora solicitava, e de não fazer bagunça – na hora do recreio, quando meus colegas de classe corriam descontrolados, eu tomava a merenda e sentava para ver o povo caindo, chorando, se matando...

As músicas que cantava eu já conseguia ler e escrever, os gibis que tinha em casa da turma da Mônica já conseguia ler (do tio Patinhas eu não entendia muito bem), já lia sem a ajuda de meus pais (que aliás, sempre foram leitores assíduos, meu pai lia uns livros grossos e minha mãe lia Sabrina, Júlia). Meu irmão entrou na mesma escola que eu no ano seguinte e então já não ficava tão sozinha no intervalo.

Retomando a idéia da política neo-liberal (a que nossa sociedade está fundamentada) em relação a escola, segundo o sistema que se apresenta para que a escola propague suas idéias estão alicerçados nos princípios escola novista (com o apoio total do Estado) justificando as diferenças econômicas e sociais como sendo de ordem natural e necessário (já que a sociedade é marcada pelas diferenças – não somos

naturalmente todos iguais, somos diferentes) e apesar das chances (do acesso) estar disponível a todos o que marca e define (acentua ainda mais essas diferenças) são as capacidades intelectuais das pessoas – na falta delas, coitado de quem é menos favorecido (ou seja, as pessoas que não possuem todas as aptidões necessárias estão entregues a uma vida miserável, ainda que paguem seus tributos aos governantes).

A escola então deve trabalhar para acentuar ainda mais essa estrutura (é por isso que cada vez mais e mais o Estado vai se livrando da responsabilidade de abrir vagas, escolas, investir na qualidade e tudo o mais – não é interessante fazer algo que contrarie os princípios dessa política vigente).

“... atribuição à educação do papel de instrumento de correção das desigualdades injustas produzidas pela ordem econômica, encarada, entretanto, como não sendo intrinsecamente injusta ou, então, não sujeita a críticas. Há um pressuposto, também comum, de que a educação não está, ou pode não estar ligada à ordem que produz as desigualdades. Daí a possibilidade de poder vir a ser utilizada para produzir algo diferente daquilo que a economia espontaneamente produz.” (Cunha, 1991, pg 55)

Quando nos mudamos para Campinas (que é uma cidade próxima de Paulínia) fui cursar a sexta série numa escola Estadual (nunca frequentei uma escola municipal, sempre Estadual), mas tive algumas dificuldades em adaptar-me ao que a escola pedia, pois o ensino era diferente (as informações que me eram solicitadas nem de longe sonhava a que se). Tinha uma matéria chamada geometria, e a professora Jane já no primeiro dia me pegou (talvez como mártir) e pediu (diante de todos) para que eu pegasse uma régua e traçasse uma reta qualquer (régua? reta? será que todos ali naquela sala se conheciam, eu era a única de fora? que vontade de sair correndo), não conseguia, fiquei muda, cabeça baixa e mais um pouco ia começar a chorar (foi então que ela me pegou e disse que era para pegar aquele instrumento transparente (que era a régua) e passasse o lápis em sua parte mais fina para desenhar no caderno um traço, um risco qualquer (fui fazendo passo a passo, mas morrendo de vergonha, e já pensando que a professora não ia gostar de mim, de uma aluna "burra"). Mas que nada, parecia que ninguém na sala me enxergava (nem as crianças e nem os adultos), porque na maior

parte do tempo eu não entendia nada mas ninguém sabia, porque ninguém me questionava.

A professora de português, dona Elza Bittar (será que ela era parente do prefeito?) pediu para que nós escolhêssemos um livro para ler e depois contasse aos demais da classe. Eu pensava que talvez meu pai não teria como comprar um livro, mas não falaria isso na sala, pois com certeza seria a única que não teria como fazer tal tarefa (aquelas crianças todas muito bem vestidas, com certeza tinham pais que podiam comprar livros, até que estava vestida com uma roupa que não era rasgada e nem nada - ia para a escola com minha melhor roupa - mas meus pés doíam, meu pé era grande e os calçados que ganhávamos eram sempre uma numeração menor, mas usava mesmo assim). Nessa hora minha avó me ajudou, emprestando-me o primeiro livro que lia (O menino Francisco – a história de São Francisco de Assis), a professora aceitou que o lesse para contar (a cada frase que lia tinha umas cinquenta palavras que eu não conhecia, lia com o dicionário ao lado, não conseguia dar sentido as frases... aos poucos fui supondo o que as palavras queriam dizer e fui abolindo o uso do dicionário na leitura, anotava o que não conseguia entender mesmo e consultava o dicionário depois).

De todos que havíamos mudado de escola (meu irmão que estava na quinta série e minha irmã do meio que estava na primeira) fui a única que não fiquei retida. Além do que era tudo novo. O trajeto era diferente, antes bastava subir a rua de casa e atravessar uma quadra que já estava na escola (enfrentava um espaço descampado que quando chovia tingia de vermelho as sandálias que eu pegava da minha mãe), e nesta época tinha que subir a quadra de casa, atravessar a linha do trem, subir a rua da Setec e seguir a rua do Cemitério da Saudade (tudo bem, o problema foi quando comecei a estudar à noite por conta do trabalho), na altura da Manolo (antiga loja de materiais para construção) seguia pela rua do depósito de bebidas que ficava atrás da CPFL e ia adiante até um imenso vale, então descia por uma rua íngreme (certa vez atrasada para a aula e usando uma calça branca justíssima eu “capotei” nessa descida e a rasguei, voltei pra casa com tamanha vergonha), e mais alguns passos estava na escola que tinha enormes portões de ferro, fechadíssimos cercada com muros altíssimos e havia um porteiro (o *seu* Paulo) que guardava quem entrava e quem saía da escola.

E as pessoas conhecidas que tinham me visto crescer? As pessoas de Campinas eram estranhas, diferentes, cada uma preocupada com a sua própria vida (eu achava isso ótimo porque já tinha excelentes motivos para querer passar despercebida pela maioria,

aluna gorda e com um pé enorme... isso sem falar que todo adolescente se julga um ser tremendamente feio e alienígena). A idéia do novo, do algo que não se conhece, me era temido, ainda mais por não ter a segurança da presença de pessoas que já tinha convivido até então, apesar de haver toda esperança em fazer novas descobertas e novas descobertas e amizades, a insegurança é grande mesmo...

Foi nessa época que pensei em escrever um diário, gostava de escrever, e falava comigo mesma através de palavras escritas num papel de caderno velho, adorava, toda caída da noite sentava-me em frente a esse bosque ao qual morava e ficava escrevendo minha idéias, minhas inseguranças, meus amores... ah, como fui uma menina apaixonada, bastava um olhar para que eu me derretesse (besteira de menina).

Já no começo da década de noventa, eu pensei que talvez a chance de melhorar nossa condição sócio-econômica estivesse voltada para a área da informática que estava em ascensão e ouvia-se muito que o computador era o negócio do futuro (acho que o Bil Gates ainda não havia despontado) e então parti para um curso de computador (na época em que o disquete mais parecia uma bolachona preta plana) e que se aprendia a formatar disquetes e as noções básicas giravam em torno do MS DOS, WINDOWS, LOTUS E DBASE (nossa, nostalgia total), e então em 1992 cursei o bendito curso. No final desse ano saíria da oitava série e teria que prestar um vestibulinho (fui visitar o Cotuca, que era o sonho – e ainda é – tinha que ter crachá para entrar nas dependências do colégio, e também fui visitar o Bentinho).

Todo esse movimento de pensamentos expõem uma idéia marcada na década de oitenta (acreditava-se que o futuro estaria nas mãos do computador) para a classe menos favorecida da sociedade almejava-se a oportunidade de ascensão (social, econômica etc). Porém esse modo de organizar a sociedade pelos meios de governo, de poder e da educação, tão somente tendem a reproduzir a realidade e não modifica-la. A privatização dos recursos naturais, a utilização de elementos gerais que deveriam estar dispostos a todos (mas que são transformados em benefícios de poucos) selecionam em nosso meio os mentalmente superiores os capazes de dirigir a nação – e os que serão mandados por estes (os mecanismos de uma escola assim orientada nada mais é do que excluir os que não prestam para o trabalho intelectual, e sim braçal, manual...).

O medo pelo fracasso (de não passar num vestibulinho no Cotuca ou no Bento Quirino) e por ficar um ano sem estudar me fizeram prestar o vestibulinho do Carlos Gomes (escola normal, que formava professoras primária, voltei-me para o sonho de

menina, e ouvi os conselhos de alguns familiares que diziam que a melhor coisa para a mulher era formar-se professora, ainda mais no Carlos Gomes); mas não adiantou em nada, não passei na prova. Fiquei na lista de espera e fui chamada às vésperas de começarem as aulas.

3. ENQUANTO O MARIDO NÃO VEM...

No Magistério outro ângulo se abriu diante de meus olhos, era uma escola de centro, tinha que pegar o ônibus (eu já estava trabalhando em escritórios diversos, no centro de Campinas como secretária “faz tudo” e que recebe um ordenado de recepcionista) na sala só tinha pessoas mais velhas (uma ou outra tinha cinco anos a mais que eu, havia senhoras e um único homem, fiz amizade com uma menina chamada Luciene que tinha a mesma idade que eu). Me sentia gente grande, responsável, trabalhadora do Brasil, meu esforço tinha que fazer valer (eu entrava oito da manhã no escritório imobiliário, fazia uma hora de almoço, saía as dezoito horas no Cambuí e ia caminhando pela Coronel Quirino até chegar ao Carlos Gomes, enquanto comia um pacote de bolacha recheada, chegando em cima da hora sempre). Ao retornar para casa quase meia noite, não tinha outro ânimo que não fosse para dormir.

Ah, os professores do Magistério todos muito pirados, havia desde os que seguiam a risca letra a letra a matéria que passavam na lousa (Carlos Alberto, era uma comédia, um professor grisalho com um bigode preto e olhos arregalados; também o professor de Filosofia que se candidatou a pouco tempo para vereador em Campinas, o Alfredo, diziam que ele havia sido seminarista bem como a professora Márcia que tinha sido freira, e os dois acabaram se enamorando já no final do meu curso, isso em 1994); até os que nos colocavam para pensar a respeito da posição autoritária de um professor na sala de aula (o nome desta professora não me recordo mas sei que o que ela estava fazendo era quebrando certos paradigmas em meu interior de que o professor é uma pessoa que tem que ter o controle da sala a todo custo e a todo tempo).

Então, foi quando descobri que não tinha de levar muito a sério o que acontecia nas dependências da escola, podia entrar a hora que quisesse (desde que soubesse a matéria que me era solicitada), assistia as aulas algumas vezes, outras ficava vendo os

carros passando através das janelas do velho casarão de Carlos Gomes (que mais pareciam ruínas).

Quando houve o impeachment do presidente eleito (após tantos anos de um regime militar que assolou o Brasil) nós do Carlos Gomes fomos para as ruas (foram mais os alunos da tarde do que os da noite, nós apoiamos) como os "caras pintadas" onde os estudantes com as cores do Brasil no rosto, pedindo o afastamento de um governante que tinha como promessa acabar com os marajás (sendo ele próprio um esbanjador do dinheiro público, ficava complicado), quer dizer, isso na época não era tão consciente como agora, o que eu sabia era que o presidente estava "roubando" o povo às claras mesmo e que tínhamos que impedir que tal abuso fosse cometido.

Vindo então o seu sucessor, o vice presidente Itamar Franco com a bandeira do Plano Real em mãos, estabilizou em parte a economia brasileira que estava pela hora da morte (o que se comprava por um preço no começo da semana, não se comprava no final). Corria em mim uma emoção imensa em fazer parte daquele momento histórico tão importante para o Brasil (fica registrado aqui que naquela época já se cogitavam certas privatizações e recorde-me de rir quando alguns estudantes do Bentinho, vieram com um folheto dizendo que num prazo menor que dez anos nós estaríamos no escuro, por falta de energia elétrica ocasionada pelo mal uso e por falta de investimento da área – pois é, nem Nostradamus contava com essa).

Esse modo de organizar a sociedade pelos meios de governo, de poder e da educação tão somente tende a reproduzir o que já se vivencia, ou seja, a privatização dos recursos naturais, a utilização de elementos gerais e dispostos a todos (extraíndo e transformando em benefício de poucos, selecionados) dando oportunidades aos mentalmente superiores e capacitados, prontos para dirigir os rumos dessa nação.

4. MEU INGRESSO NA ESCOLA PRIVADA

Como Professora, lógico

Em 1995 (cursando ainda o terceiro ano do magistério) consegui ser chamada para dar aula numa sala juntamente com uma professora já formada, de educação infantil, em uma escola de cunho religioso (Jaime Kratz, escola da igreja do Nazareno). E um sentimento aflorou-me a pele, estava a um passo de ser "tia" e o seria com todo

orgulho, coisa que também era motivo de muita satisfação para minha família, porque a filha mais velha estava trilhando seus passos por um caminho promissor e seguro (ser professora era praticamente um sacerdócio, e dava gosto em meus pais verem-me indo lecionar nessa escolinha particular), ao meu ver estava indo exercer o que tinha vontade desde a mais tenra idade (cuidar de crianças, lecionar... muita responsabilidade, estava indo para uma escola onde seria menos explorada do que no escritório imobiliário, ao menos era o que acreditava naquela época).

E foi lindo quando aquelas crianças foram entrando na sala com suas mochilinhas e vinham beijar-me e sentando-se em roda, colocavam suas lancheiras em pé debaixo das mochilas e nos traziam sempre um agrado na hora do lanche (uma maçã, um doce, um bolo, etc, etc... à mim e a professora da sala, a qual eu era auxiliar).

A princípio achei que eram muitas crianças numa sala (vinte e cinco) com uma idade aproximada de três anos (a turma era chamada de maternal), mas estávamos ali e fazíamos as atividades. A professora, Andréia, estipulava cantinhos em alguns dias da semana, dava atividades com pneus nos dias de educação física, as crianças tinham direito de usar o playground num outro determinado dia, a areia em outro momento e tinham aulas de canto com uma professora específica em outro dia reservado.

Era um sonho, tudo muito lindo. Tão lindo que quando minha família decidiu mudar-se novamente para Paulínia naquele ano, sugeri que minha irmã caçula até então com apenas cinco anos de idade, fosse comigo para a escolinha (assim, iríamos juntas no ônibus; em conversa com a Orientadora Pedagógica da escola, para ver se não daria para minha irmã, que era muito esperta e tudo o mais, de ser matriculada na primeira série, consegui com que fosse aceita após a realização de um teste, iniciou seus estudos naquela escola).

Aquele ano foi muito movimentado, muitas informações rondavam-me a mente, muitas idéias fervilhavam a percepção de mundo e de tudo que estava construindo, e aos poucos, tomava noção de situações e intenções que as pessoas e os acontecimentos iam se mostrando (aquilo que os olhos não percebem num primeiro olhar, o que é chamado de *entrelinhas*).

Estava no terceiro ano do magistério e mais um ano seria professora (ou tia, adorava que as crianças me chamassem de tia, até ler "Professora Sim, Tia Não", de

Paulo Freire, a princípio não concordava com sua visão, estava negando-me o direito de ser tia, de um contato afetivo com aquelas crianças).

Fui despedida da escolinha particular, repeti o ano letivo no Carlos Gomes por excesso de falta e como já estava em Paulínia, voltei a estudar no período da tarde e deixar um tempo sem trabalhar.

“...A escassa produção
Alarma o patrão
As galinhas sérias
Jamais tiram férias
Estás velha, te perdôo
Tu ficas na granja
Em forma de canja

Ah!!! é esse o meu troco
Por anos de choco???
Dei-lhe bicada
E fugi, chocada

...
Pois um bico a mais
Só faz mais feliz
A grande gaiola
Do meu país” (HOLANDA, Chico Buarque, 1979, A Galinha).

Nossa, foi como se tivesse mudado do vinho para a água, porque a sala de magistério do Cemep (Centro Municipal de Ensino Profissionalizante – minha primeira escola municipal) era composto de menininhas com até dois anos mais nova que eu, que viviam as custas do papai e da mamãe, com seus cadernos rosas, com suas canetas do Mickey e figurinhas da Minnie, que chupavam pirulitos na hora do intervalo e tinham acesso de demonstrações públicas de modo esporádico (ou seja, eu achava tudo aquilo muito desnecessário, eram “patricinhas” que não conheciam nada além do horizonte – como se eu conhecesse muito - nunca tinham trabalhado, nunca tinham acordado cedo e pego ônibus lotado e jamais tinham ido para a aula sem a menor vontade de ficar sentada escutando uma pessoa na frente falando, falando e falando – essa era minha visão para a sala “Cidona” que estava diante de mim – “Cidona” foi um termo criado nessa sala para referir-se as pessoas que têm necessidade em se expor, aparecer, as aparecidas, as “cidonas”). Era a própria decadência, estava sendo punida pelos abusos que provavelmente havia cometido anteriormente, tinha que ser forte o bastante para conseguir superar aquilo tudo.

Deste ano, o que mais ficou gravado foi o que uma professora de Conteúdos Metodológicos de Língua Portuguesa despertou em mim, a idéia do resgate dos Contadores de Histórias, ela trazia alguns clássicos (Alice no País das Maravilhas, Frankstein, Meu pé de laranja lima, entre tantos) e a classe subdividida contava as histórias para a sala, foi excelente, até o prefeito da cidade foi cumprimentar-me pela minha atuação como contadora de história, foi excelente

Ficava quieta na classe, mais do que antes. Trabalho coletivo era um inferno, não dava, não conseguia, fui empurrando tudo com muito desgosto, os textos eram arrastados – aquele ano foi o mais longo ano letivo a que já tive acesso até os dias de hoje.

No ano seguinte, já um pouco mais conformada com a minha realidade, estando no quarto ano, veio para nós em Conteúdos Metodológicos de Língua Portuguesa, a professora Ieda e com ela tive uma afinidade muito grande, porque, não apenas falava de certas teorias de aprendizagem como também provava – o que há por trás do trabalho realizado com cartilhas, as questões levantadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, do desenvolvimento silábico, pré-silábico e alfabético (nós aprendemos a identificar cada momento em que a criança passava) – isso tudo foi (e é) muito valioso.

Quando concluí o magistério, pensava: as crianças têm uma bagagem que precisa ser respeitada, o professor não sabe de tudo, há muito mais além do horizonte que meus olhos alcançam, por isso, é necessário humildade para assumir que não sou imortal (como acreditava-se a respeito dos professores de antigamente) e que tudo se mostra de um modo diferente aos olhos de quem observa (basta olharmos por um outro ângulo, se colocando em posições diferentes, que são as diferentes realidades existentes na sociedade) – para mim isso bastava para que me tornasse uma excelente profissional de educação (acreditava que essas idéias eram o alicerce para uma construção sólida na educação, isso enquanto profissional dela).

Concluí o Magistério em noventa e sete; em noventa e oito prestei concurso e passei na décima colocação, comecei a trabalhar na prefeitura de Paulínia no setor de Creche em março de 1999 com a nomenclatura de Babá nível I, numa creche no período da manhã – a princípio eu estaria aquele ano como Babá volante para ir aprendendo a como lidar com as crianças, e só tinha que dar conta de trocar as fraldas dos bebês (coisa que só tinha feito com minha irmã caçula que nessa época já estava com dez anos).

A princípio penei bastante, porque não dava conta de trocar tantos bebês em uma hora e ainda ajudar as demais turmas a não deixar que as serventes (que nessa época ajudavam a Babá Volante) fizessem o serviço que era destinado a nós as Babás (as serventes nessa época, ainda tinham que além do serviço de limpar a creche e se preocupar com a desinfecção de áreas contaminadas por situações diversas, tinham que ajudar as educadoras volantes, que são as que não assumem turmas, à fazerem trocas de fralda e darem banho).

Ouvia muita conversa paralela no interior da creche (mesmo sendo uma proibição escrita no livro de orientações com respeito às competências dos funcionários da creche – com direito a recomendações e “punições” aos funcionários que não observassem e não cumprissem a ordem de não falar nada nas dependências da creche que não fossem informações relevantes quanto ao trabalho realizado – quer dizer, as conversas eram relevantes para quem expunha a insatisfação); a direção virava e mexia lançava no ar alguma alfinetada para uma determinada educadora e deixava todas chateadas, as educadoras por sua vez “afiavam a língua nas costas da diretora”, as serventes se queixavam das educadoras e as cozinheiras me diziam para tomar cuidado com tudo isso que estava vendo.

Em 2000, fui enviada para uma escola de periferia do outro lado da cidade (local oposto totalmente de onde morava, e por lá permaneci durante sete anos, só fui pedir remoção no ano passado, 2005) e vivi outra realidade a que até então estava habituada.

Trabalhar na periferia tem seus pontos a favor e seus pontos negativos, quando fui para lá acreditei que talvez as cobranças burocráticas (falarei mais sobre mais adiante isso adiante) eram mais amenas, já que normalmente na esfera social num trabalho para a periferia espera-se que as atenções sejam mais direcionadas para amenizar conflitos, brigas, e questões ligadas ao convívio social (isso porque acredita-se que a clientela de periferia trata-se de uma parcela “revoltada” da população – e isso se reflete na escola) e que num trabalho pomposo, voltado mais para o fazer para aparecer (que é um modo mais aparente de trabalho) seria destinado à elite ou à clientela que circunda as escolas centrais (já que são as que mais aparecem num possível pôster educacional da cidade). Isso ao meu ver são os pontos negativos...

Já os pontos positivos é com respeito às áreas externas, o espaço destinado às brincadeiras e movimentações corporais. Isso também já está acontecendo nas dependências da educação infantil (digo isso porque no ensino fundamental a estrutura

física do prédio possibilita a movimentação cerebral e castra o corporal, na educação infantil é louvável a construção que permite que as crianças não só se movimentem livremente no intelecto que ainda não é tido como um ensino obrigatório, cobrado e exigido, porém voltando-se à clientela central e de periferia isso já está tomando outros rumos – na periferia acredita-se que as crianças têm maior necessidade de se movimentar do que as demais... num outro olhar tal aspecto é negativo para as crianças de escolas centrais).

Em dois mil quando fui para tal unidade escolar, eram poucas as profissionais que tinham uma formação escolar específica para a educação (quando entrei nessa creche éramos duas as pessoas que tinham o magistério) e sendo assim éramos vistas de duas formas: esta babá sabe o que está fazendo (tome cuidado, porque ela está avaliando o seu trabalho e poderá acreditar que você não sabe o que está fazendo...) ou esta babá não tem a menor noção que na teoria é uma coisa e na prática é outra (então tome cuidado, porque ela “inventa moda” – entenda-se “inventa moda” como a profissional que vive criando coisas para serem feitas, e já que ela faz você também terá de fazer).

Juntavam-se a tudo isso muitas inseguranças pois, estaria trabalhando com minha primeira turma enquanto profissional de educação, a diretora que também começaria o trabalho nessa creche era nova na área de direção (e também na unidade), a realidade da clientela (será que interferiria em meu trabalho?), as pessoas que trabalhariam comigo (serventes, cozinheiras e outras babás) será que estariam dispostas a colaborar para que eu conseguisse realizar um bom trabalho? E toda pressão de ser recém formada, de ter que ser boa na educação (de mostrar eficiência) por conta de ser professora e tudo o mais.

A isso tudo somava-se a realidade da turma, tratava-se de crianças com a faixa etária entre dois a três anos (nomeado de infantil) contendo doze crianças, onde uma delas fora inclusa no grupo por ordem judicial (tais crianças são postas de um modo imposto, porque ainda que não haja vaga, ela irá adentrar os portões da escola e será posta no grupo de sua faixa etária respectiva, são crianças que correm, de uma forma ou de outra, riscos: de vida, de convivência, etc) que contava com algumas recomendações especiais, já que havia nascido de seis meses devido ao uso contínuo de entorpecentes (tóxico, craque) por parte de sua progenitora. Quer dizer, o desafio era grande.

Como não compreendia muitas questões que estava vivenciando com a turma (as crianças brigavam, isso porque as questões de convivência que ainda estavam sendo

aprendidas ajuntam-se às questões de egocentrismo que é característica da faixa etária, o que acentuava os conflitos de manejo com o próximo; comecei a acreditar que não me fazia entender por elas, talvez a linguagem que utilizasse não fosse clara o bastante, talvez não soubesse o que elas necessitassem; talvez minha formação não tivesse sido boa o bastante para eu saber disso tudo e muito mais – informações que necessitava neste instante, afinal de contas onde estava na sala do magistério que não aprendi isso tudo? Acontece que as muitas teorias ainda que claras e específicas só mesmo são compreendidas na prática, na hora em que se coloca a mão na massa...), comecei a adentrar numa atmosfera na qual acreditava ser uma péssima profissional da educação, não conseguia compreender muitas questões que as crianças me traziam por conta dessa inadaptação.

Procurei ajuda profissional (primeiro conversei e chorei com minha diretora e minha orientadora e então pedi para ser encaminhada para uma psicóloga, acreditando que ali, nos encontros com tal profissional, estariam as soluções dos meus problemas). Ledo engano, só consegui agravar ainda mais, (porque, além de realmente acreditar que não estava sendo uma professora de acordo com aquilo que gostaria de ser, eu recebi a carga de que todos os meus problemas eram causados por mim mesma – e talvez até mesmo fosse, seja em ordem mental na qual as pessoas costumam se martirizar por padrões que tenta seguir, ou seja lá por qualquer outro fato, mas a questão só mesmo me deu maior peso ao fardo que estava levando.

Como catástrofe nunca vem sozinha, no final do ano seguinte (em 2.001) houve uma mudança de direção, a diretora da creche mudou de unidade e veio para nós outra diretora que já tinha passado pelas dependências da mesma – e que não tinha entre os funcionários boa fama (isso é quanto ao trato com as pessoas, a diretora que estava por voltar a ocupar a vaga que já tinha assumido num dado momento atrás, tinha a fama de ser grosseira e até impetuosa – fazendo valer a lei do: olho por olho, dente por dente).

Foi então que comecei a ter a certeza que havia seguido a profissão errada (mas como? Se eu adorava crianças, se eu gostava de fazer as rodas de conversa, de cantar com elas, de dançar, de brincar e tudo o mais? Como isso?) e que talvez um ano parado por talvez não ter passado no vestibulinho do Cotuca ou do Bentinho, teriam me valido muito mais do que os cinco anos de Magistério que havia concluído. Literalmente minha vida profissional tornou-se um inferno. Cogitava a possibilidade de se remanejada para outro setor público da prefeitura (uma biblioteca, um escritório... nem que fosse para

fazer limpeza, servir cafezinho... não me importava que tinha estudado para lecionar, eu poderia muito bem ter estudado para servir cafezinho, por que não?).

Apesar desse desequilíbrio todo a que estava vivenciando, percebi que na unidade da creche, apenas eu estava descontente com a chegada da nova diretora, as demais pessoas estavam gostando de seu trabalho, e aos poucos eu fui me distanciando de todos os funcionários e fui me isolando, não tinha assunto (nem pessoal, à nível de identificação, e nem profissional, fiquei infrutífera por muito tempo, limitando minha função a apenas cuidar das crianças, não permitindo que se ferissem), não tinha ligação alguma que me prendesse aquele lugar e aquela situação toda.

Em nível pessoal foi nessa época que fui morar sozinha, numa casa próxima da creche, evitando que meu deslocamento fosse em torno de uma hora até a chegada ao trabalho. Ou seja, era para eu estar bem, estruturada, segura, confortável... certa do que estava fazendo. Mas não foi. Trabalhava só um período e no outro ficava sozinha em casa, totalmente ilhada, sem a menor noção e sem o menor contato humano.

Pensando e refletindo muito a respeito de tudo isso que estava me acontecendo, foi então que comecei a me questionar, a ver que eu não era a dona de toda a verdade que estava acreditando enxergar, e de que um ponto que pensava como fundamental quando concluí o magistério, eu não estava exercendo: a humildade. A percepção de que é preciso a troca, é preciso ceder e depois fazer valer o que se acredita, primeiro ouvir para então ser ouvida. Comecei a princípio fazendo o que as demais pessoas faziam (o que eu avaliava como falsidade, porque já que antes de tal diretora vir para a creche, se falava que a mesma não tinha mínimos tributos de humanidade; mas não me importava, valia qualquer coisa para que eu tirasse realmente a prova que a errada era ela e não eu, era meu cheque mate, a última cartada até então provavelmente mudar de profissão).

Pois é, não é que a invocada de toda essa situação, a criadora de todos os problemas e males, a pessoa cheia de conflitos e mal amada, era eu mesma? Foi difícil abaixar a guarda, as rédias e me render por um pouco que fosse ao livre curso que o rio dá ao barco que não tem direção (era assim que eu deveria me comportar, pois a tempestade em alto mar era de minha própria criação, e por pouco que meu barquinho naufragou...).

Comecei a enxergar a diretora como gente, e as demais pessoas como companheiras e não concorrentes. A minha visão de mundo estava mudando e passando

por transformações (e ainda está em curso de formação, só espero que seja para sempre, e que eu tenha seputado de uma só vez a pessoa perfeita que eu era), bastava agora ser vista também com outros olhos pelas pessoas que me cercavam (acredito que consegui muitas conquistas, mas não foram tão fáceis de serem conquistadas, aos poucos fui criando créditos e méritos, mas sempre com essa filosofia: primeiro doar e depois receber, é uma regra social, não muito clara, mas é a que ajuda e muito no convívio com o próximo, bem próximo).

5. E AGORA JOSÉ?

Tudo bem, percebi que havia muito mais do que sonhava minha vã filosofia, porém que rumo tomar? Não aspirava grandes realizações na graduação em Pedagogia, acreditava que talvez isso fosse um casamento consumado, algo do tipo: não me resta mais nada, casarei-me com o que me é oportuno, a Educação (já que estava inserida nessa área eu deveria então atolar-me nela). Não a via como uma satisfação profissional – talvez Educação Física já que adorava as expressões corporais e artísticas (venho de uma família de atores e artistas) ou então quem sabe se eu fizesse Psicologia (seria ótimo, além de ter grandes méritos sociais – há todo um respeito quando alguém fala: sou psicólogo, como se fosse possível tal profissão ler o mais profundo de um ser).

Em 2002 (em julho, quando fui fazer o Enep – Encontro de Educadores de Paulínia e região), soube que a Unicamp estava abrindo um curso para a formação de professores em exercício. Fiquei pensativa quanto a possibilidade de fazer uma faculdade que não precisasse pagar (sendo mais ainda pela Unicamp, universidade com excelentes méritos, relevantes por demais nas questões educacionais; mas não seria uma utopia?). Será que não cairia por querer voar tão alto?

Após casar-me (na vida pessoal mesmo) no início de 2003, estava totalmente convicta que precisaria voltar a estudar o mais breve e urgente possível. Em Paulínia comecei a fazer um cursinho para prestar o vestibular no meio do ano na Unicamp – isso me fazia recordar de quando era criança, que papai dizia-me que apenas os melhores entravam na Unicamp (Unicamp, Unicamp... universidade dos sonhos de muita gente...).

O dia do vestibular recordo-me como se fosse hoje: nervosismo (estava a ponto de entrar em colapso nervoso), sudorese excessiva, dor de barriga e cabeça, tremedeira... e, mesmo assim eu acreditava que tinha que manter a calma (que calma? Onde estava a calma nisso tudo?). Nem sei como consegui dormir na noite que antecedeu o vestibular (ah, lembro-me sim, foi a base de calmante, era muita pressão... as lembranças de não ter prestado o vestibulinho no Cotuca e no Bentinho vinham a tona ...eu tinha prestado o Carlos Gomes e não tinha passado, fiquei na lista de espera ...o que eu queria prestando um vestibular na Unicamp? Conseguir meu atestado definitivo de incompetência?). Pois é, a prova começou, a fiz com grafite e acreditei que até o final conseguiria passar a caneta (ledo engano), voltei pra casa arrasada, nem comentando muito como tinha sido o bendito vestibular.

Quando chegou o dia de saber o resultado, eu queria e ao mesmo tempo não queria saber, não fui nem consultar a internet (sim porque a listagem dos aprovados sairia na página do convest) fui direto ao ciclo básico para ver a lista de Shindler... quer dizer, da Unicamp. Comecei a correr os olhos nos últimos aprovados, e a medida que recuava a listagem menos acreditava num milagre, fui ficando cada vez mais gelada ao ver que meu nome não estava em nenhuma delas; que vergonha meu Deus, todos ao meu redor veriam a minha decepção, e o que é pior: eu estava certa quanto ao fato de não ter capacidade (como se fosse algo de outro mundo) para estudar numa universidade como essa.

Sei exatamente o que senti no momento que encontrei meu nome na segunda folha dos aprovados, mas sei também que as palavras não conseguirão jamais expressar com fidelidade tudo o que aconteceu naquele instante... desabei, ajoelhei e chorei (e ainda agora por recordar daquele dia, a emoção corre solta). Pensei no meu pai em todas as dificuldades, pensei na minha mãe com todas as privações, em meus irmãos e tudo o que a gente até então tinha vivido (não era o dia do juízo final, mas foi como se imagina – da vida passar diante dos olhos como num filme).

Diante disso tudo eu quero pensar: como a gente se agarra a essa tábua solta em alto mar, como se dependesse a nossa própria sobrevivência. Seria a educação o degrau que ascendesse as pessoas à nível social, econômico e tudo o mais? Será que está na escola a porta de entrada para um mundo onde fosse possível o direito a vida e não

apenas a sobrevivência dela? Honestamente não acreditei que este trabalho fosse mexer tanto com minhas estruturas como tem mexido.

Pois então, voltei pra casa e fui recebida como heroína pelos meus entes queridos que vibravam comigo essa vitória, ainda que envolta por questões tão paradigmáticas (as algumas que levantei no parágrafo anterior), mas não deixava de ser uma conquista, não deixava de ter o sabor da vitória, não deixava de me mostrar que a força seja ela qual fosse (...de vontade, de querer, de fazer... ainda mesmo quando não se acredita tanto nela assim) é possível, uma vez que realmente nos damos o direito de tentar, de nos lançar e deixar cair (mesmo sem saber onde vamos cair...). Sabe a pessoa que se joga de um penhasco esperando que alguma coisa aconteça (nem que seja o mais lastimável, que é o choque lá em baixo?). Então... me joguei e saí voando, criei asas... era possível sim voar alto.

6. PROESF, PEDAGOGIA, UNICAMP...

Quem sou? Onde estou?

Começar este capítulo e não comentar a estrutura física da universidade, é o mesmo que ir nadar e não se molhar. Na Unicamp tudo (pelo menos até onde conheço e até onde nós alunas da pedagogia do proesf tivemos acesso) é estruturado em círculos (o prédio da educação, a praça central e de onde se origina as demais vias para as demais faculdades, etc), ou seja: caso você não saiba onde está, continue em círculos que alguma hora você se acha.

Porém, quando iniciamos o curso, não é que conseguimos nos perder? E não foi uma vez, ou duas... ou só no primeiro semestre (há pessoas que ainda se perdem, estando no sexto semestre...). Ainda que no dia da aula inaugural, vemos o quadro de fundo à bancada de professores e doutores que nos dão as boas vindas (o qual mostra toda a dependência envolta da praça central e que também inclui o prédio da educação e tudo mais) com os comentários quanto a sua estrutura física – fora isso ninguém mais nos

explica que basta continuarmos em círculos para chegarmos ou até mesmo termos noção, de onde estamos e para onde vamos, sendo assim vamos aprendendo na raça (que é se perdendo e se achando dentro da Unicamp).

As aulas começaram, minha empolgação era tamanha. Não via a hora de estar na Unicamp, de vir mesmo cansada, mesmo após um dia todo de trabalho puxado (estava trabalhando o dia inteiro e ainda o faço; fazendo acúmulo... com crianças pequenas é muito puxado essa carga horária, onze horas e meia de trabalho – no fundamental também deve ser, mas é menor a carga horária).

As disciplinas foram se apresentando pouco a pouco à nós. Fomos nos conhecendo e nos identificando, grupos foram se formando e casamentos foram feitos – a profetisa Luciana Teston (assistente pedagógica da disciplina Multiculturalismo e Diversidade Cultural – PE 104 cuja pessoa responsável é a Prof^a Dr^a Dulce Maria Pompeo de Camargo) havia acertado quando disse: “Aqui muitos casamentos acontecerão e muitos divórcios também...”. Para um primeiro dia de aula, só acreditávamos nos casamentos (isto devido a toda diversidade existente não apenas na sociedade, mas também na sala de aula, as adversidades que enriquecem a nossa prática e da qual ainda não somos habituados a lidar). Isto no primeiro semestre e também agora no sexto semestre (com a disciplina de Educação Especial – PE 603 cuja pessoa responsável é a Prof^a Dr^a Ana Maria Torezan), nos chamou a atenção para as diversas formas existentes de se vislumbrar a realidade e as possibilidades humanas, mostrando-nos o que é considerado normal e anormal (noção que varia de acordo as possibilidades existentes, e que deficiente é o meio e não o ser).

“A concepção da deficiência como algo que está inerentemente presente no organismo e/ou no comportamento da pessoa identificada como deficiente e a sua delimitação em função de áreas supostamente distintas de comprometimento implicam automaticamente um modo específico de se lidar com as deficiências e as pessoas deficientes. Criam-se nomes e categorias para especificar (talvez construir) diferentes tipos de deficiência, especializam-se os profissionais e serviços, e profissionalizam-se nomenclaturas.” (OMOTE, 1996, p.127).

E ainda, mais adiante.

“ Com isso, cria-se a ilusão de homogeneidade entre os membros pertencentes a uma mesma categoria e de

muita diferença entre eles e os membros de qualquer outra categoria.” (OMOTE, 1996, p.129).

As aulas da Sônia (Pensamento Histórico e Educação – PE 102, Prof. Dr. José Luís Sanfeliceme), davam-me medo e calafrio, se eu tropeçasse (deixasse de ler algum texto) com certeza seria atropelada (pela avalanche de acúmulo de textos que aconteceriam – eu ficava em estado de alerta em suas aulas, anotava até mesmo seus comentários pessoais). Mas foi de grande valia, pois construímos uma noção bem profunda dos passos que a Educação percorreu (e vem percorrendo) no território brasileiro (conseguindo até mesmo fazer relações com outras tantas disciplinas que foram pouco a pouco sendo inseridos no nosso contato).

As aulas da Michele (assistente pedagógica que nos apresentou duas disciplinas: Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa – PE 103 cuja pessoa responsável é o Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite; Teoria Pedagógica e Produção em Geografia – PE 403 cuja pessoa responsável é Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Júnior) suas aulas eram tranquilas, ela tanto nas duas disciplinas que nos apresentou se mostrava bem calma, falava pausadamente e trazia sempre alguma história para a aula do qual acabávamos fazendo relações com o que trataríamos.

Angela Ferraz (Pesquisa Educacional – PE 204, Prof^a Dr^a Maria Helena Salgado Bagnato) também trouxe para suas aulas alguns livros e histórias.

Na mesma tranquilidade a Liliana (Pensamento Filosófico e Educação – PE 201, Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen) apresentou a curvatura da vara (Saviani) e também (Pensamento Psicológico e Educação – PE301, Prof^a Dr^a Ângela Fátima Soligo) a explanação do behaviorismo e sua influencia até os dias de hoje na educação.

Houve disciplina que muito me surpreendeu como foi o caso de tecnologia (Educação e Tecnologia – PE 101, Prof. Dr. Sérgio Ferreira do Amaral), a qual fazia uma noção tão limitada do uso da mesma na educação e que pelos olhos de Aimar foi-me possível ampliar um tanto mais o caminho.

Bem como em Avaliação por Silvia Bez (Avaliação – PE 304, Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas) que ajudou-me a compreender os tantos rótulos (sociais) que carregamos e passamos adiante – este semestre em educação não formal (Educação Não Formal – PE 604, Prof^a Dr^a Maria da Glória Marcondes Gohn) também estamos vendo

com ela toda as diversas formas que a sociedade se organizou para dar conta de tanta informação que a mesma foi gerando e transmitindo ao longo da história.

“A estrutura que caracteriza a educação não-formal não indica que não exista uma formalidade e que seu espaço não seja educacional; ambas as condições estão presentes, porém de uma maneira diversa da escola. A educação não-formal caracteriza-se por ser uma maneira diferenciada de trabalhar com a educação paralelamente à escola. Embora não trabalhe com esse objetivo, acaba, muitas vezes, complementando as lacunas deixadas pela educação escolar.” (SIMSON, 2001, p.9)

Certas assistentes pedagógicas marcaram muito o meu aprendizado no proesf como é o caso da Luciane Vilela (Política Educacional e Reformas Educativas – PE 401, Profª Drª Heloísa Helena Pimenta Rocha) alicerçando a noção do que a política neo-liberal realiza na escola (e como utiliza-se da educação recalcando toda uma estrutura de quem manda e quem obedece – trabalho braçal e intelectual).

Como também é o caso de Heloisa Helena que em Matemática (Teoria Pedagógica e Produção em Matemática – PE 203, Profª Drª Anna Regina Lanner de Moura) mostrou as diversas possibilidades do ábaco como instrumentos historicamente construído e excelente calculadora – colaborando para o raciocínio matemático e não apenas dando respostas. E em Artes (Teoria Pedagógica e Produção em Arte – PE 303, Profª Drª Márcia Maria Strazzacappa Hernández) ressaltou o que é o Belo, o que é considerado Arte e as múltiplas possibilidades do uso e da construção artística, o que faz o diferencial no toque, no cheiro, no sabor que as aulas podem ter mesmo dentro de um espaço quadrado que são os enquadramentos da sala de aula.

Também Elaine que em História (Teoria Pedagógica e Produção em História – PE 302, Profª Drª Ernesta Zamboni), confirmando a desmistificação das verdades estabelecidas, salientou ainda a construção histórica realizada pelo homem desde o instante que se insere neste mundo tão múltiplo e amplo.

Seguindo esta mesma Roselene neste semestre em Educação Física (Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física – PE 602, Profª Drª Eliana Ayoub), está lidando com a idéia da construção corporal, gestual e de movimentos no qual estamos inseridos e que tem como fundamento toda uma construção histórica realizada ao longo da existência humana.

“Desde suas origens na sociedade ocidental moderna, vamos sempre encontrar a inegável importância de um conhecimento do corpo, sob o ponto de vista da anatomia, fisiologia e mecânica do movimento. Mas também, desde as suas origens vamos encontrar preocupações de natureza pedagógica, busca de relação entre o físico e o mental, socialização, etc. Mas o conteúdo de ensino está lá, mantém seu caráter de especificidade, altera-se em abrangência, profundidade, mas não se confunde.” (SOARES, 1996, pg 10)

Há algumas disciplinas que vieram mesmo para nos deixar mais a certeza de que tudo são incertezas e que os saberes são mutáveis assim como já nos dizia Morin, 2000: "Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão."... "O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais."

Como foi o caso nas disciplinas de Sociologia (Pensamento Sociológico e Educação – PE 202, Profª Drª Aparecida Néri de Souza) com Abadia, estabelecemos as relações entre os pensamentos de grandes sociólogos e todo movimento realizado nas escolas (ou seja, toda ideologia existente nas ações escolares).

E também em Ciências (Teoria Pedagógica e Produção em Ciências – PE 402, Prof. Dr. Ivan Amoroso do Amaral) com Ana Lúcia, além de analisarmos a ciência não como a ditadora de verdade e antes algo a ser construído, utilizado e revisto sempre e a todo instante, também a relação política e econômica na natureza (o consumo além do necessário de bens materiais, o desfrute desenfreado de recursos naturais e a poluição do meio ambiente, necessitando urgentemente da intervenção humana, antes que nosso ecossistema seja abalado a ponto de não mais ser possível a nossa subsistência neste planeta).

Em Gestão (Planejamento e Gestão Escolar – PE 501, Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani), Eliana veio complementar o que Luciane Vilela havia começado a respeito das políticas de gestão e de administração, fiz muitas relações da realidade que tenho vivenciado, fui realmente de grande valia os textos e as discussões.

Bem como valioso foi o que Marilac discutiu em sala com as questões de gênero e a construção e propagação do mesmo por nós e em nós, (Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade – PE 502, Profª Drª Ana Maria Faccioli de Camargo)

Tanto em temas transversais (Temas Transversais – PE 504, Prof. Dr. Ulisses Ferreira de Araújo), quanto na educação de zero a seis (Educação da Criança de 0 a 6 anos – PE 404, Profª Drª Maria Evelyn Pompeu do Nascimento), Roseli demonstrou as inúmeras possibilidades de se conceber e de se trabalhar a educação de um modo amplo e que possibilite a riqueza existente ao nosso redor.

A todas essas mulheres que nos auxiliaram meus sinceros agradecimentos quanto ao modo como as aulas foram conduzidas e também ao modo como nos foi possibilitado o levantamento e o questionamento de relações entre a prática e a teoria.

7. APROVEITANDO O QUE SE DISCUTE E O QUE SE VIVE

Relação da prática com a teoria

Neste trabalho anteriormente mencionei que trataria mais adiante com respeito à burocracia exigida na creche (ou no sistema educacional que dirige a mesma da cidade na qual trabalho) e isto se refere ao fato de se exigir comportamentos e atitudes (exigência por parte dos administradores, gestores, diretores... ou seja, o nome que é dado à quem está a frente do corpo docente e se intitula líder deste grupo – será que é mesmo necessário a liderança por parte de alguém? – essa dúvida ainda paira no ar).

Fazemos avaliação, planejamento, reuniões administrativas, terapias conjuntas, auto-avaliações, etc e etc... e sempre se volta nas mesmas questões: a creche (a instituição educacional) quer pessoas autônomas, criativas, que se dediquem ao que fazem, que se envolvam e tudo o mais; porém percebo que na hora em que isso é posto em prática o mesmo não é nem valorizado e muito menos respeitado – dando a impressão que tais tributos devem ser enquadrados nos moldes prontos que alguém traçou como sendo criativo, autônomo, envolvente e correto para a creche.

Exemplo perfeito quanto a essa questão é com respeito ao fato de sempre ser questionada, podada (quer dizer: nunca é o que eu trago, sempre haverá alguma mudança, alguma coisa por refazer) e até mesmo proibida em transmitir certas mensagens e/ou textos aos pais das crianças do grupo que tenho maior contato (eu já tomo o maior

cuidado nas buscas de tais mensagens e textos para que não sejam carregados com mensagens preconceituosas, ou idéias fechadas quanto a respeito de uma realidade, bem como que não tragam valores religiosos e coisas do gênero, porém sempre sou manipulada quanto a isso). Quanto a isso tenho uma idéia formada para explicar o motivo disso tudo e acredito que se deve ao fato de não haver (pelo menos em minha cidade) ainda um modo democrático para o papel de gestor da unidade educacional (são postos como diretores das creches as pessoas quem a diretora geral de ensino da creche escolhe, ou seja: ela coloca quem ela quer e quem ela não quer não é posto).

Na verdade, todo esse modo de se orientar e de se basear (a organização educacional da creche, das diretoras e orientadoras) tão somente vêm recalcar ainda mais as estruturas de uma política neo-liberal no qual a escola tem papel primordial de assegurar que seja contínuo (e não interrompido). Prova disso tudo é o caso do nosso curso de pedagogia.

“Esse é um aspecto muito sério das atuais reformas educativas. Os sistemas públicos de ensino estão muito debilitados... e se estimula uma mentalidade segundo a qual quem pode pagar, não importa com que grau de sacrifício, deve preferir as escolas privadas, pois elas são mais eficazes e oferecem um ensino de melhor qualidade. Vivenciamos, assim, uma forte contradição entre um discurso...” (os professores do ensino público) “... são apresentados como ineficientes e resistentes às mudanças propostas... a educação está sendo retirada da esfera dos... para integrá-la na dinâmica do consumo, como produto que também se compra no mercado.” (CANDAU, 1999, p.34)

Quando adentramos os portões da tão sonhada Unicamp, ainda em estado de euforia e entusiasmo, nos deparamos com certos comentários que expressam exatamente esse medo na perda de poderes: “olhem, as tias entraram pelas portas dos fundos” – tias porque as professoras mal remuneradas são consideradas parentes (uma espécie de sacerdócio, não necessitam de remuneração justa, elas lecionam porque querem, porque tem gosto pelo trabalho), pelas portas dos fundos porque prestamos um vestibular diferenciado (foi nos exigido um conhecimento específico à área de educação, já que se tratava de um programa para professores em exercício – que é a proposta a que o Proesf se destina), se é tão mais fácil assim porque não se direciona tal conhecimento aos alunos que prestarão vestibular para o curso chamado regular? Ninguém foi brigar por

isso foi? Mas é muito mais fácil dizer que ingressamos numa universidade estadual (ou seja, de acesso público, no qual deveria propiciar a entrada de pessoas social e economicamente desfavorecidas – as que não possuem recursos para pagarem seus estudos).

Mas tudo bem, porque o curso foi destinado aos professores em exercício, pena que não foi estruturado para atender a realidade dessa demanda; sim por que afinal de contas, qual é a realidade de um professor hoje no Brasil?

Trata-se de um profissional que para conseguir driblar o orçamento doméstico necessita fazer jornada dupla de trabalho (o meu já é um caso específico, trabalho onze horas e meia diariamente), e que por conta disso é desprovido de certos meios (tanto de informação como de acesso aos diversos conhecimentos da área humana) para então manter-se atualizado (já que trabalha com educação, que é uma área em constante movimento).

E então, quando chegamos na universidade para um programa direcionado aos professores em exercício, contamos com uma estrutura na qual temos que além de arcar com os custos (transporte, materiais e alimentação) também dar conta de toda leitura e trabalho que em sua grande parte são realizados extra classe (uma média de oitenta por cento de tudo o que realizamos na Unicamp tem sua formulação além de seus muros, mesmo quando trata-se de trabalhos em grupos, sendo todas nós de cidades diversas na região metropolitana de Campinas).

E a isso chama-se de oportunidade? Pode até ser. Porque foi através deste curso que estou tendo essa consciência de conseguir organizar esse mecanismo de poder que a mim foi forjado, foi alicerçado, foi incutido... e ainda que lento, meu trabalho inicia-se após seus muros também, na formação das próximas mentes (e braços também porque não é um superior ao outro) que direcionarão os rumos da minha nação.

“Uma gata, o que é que tem?

- As unhas.

E a galinha, o que é que tem?

- O bico

Dito assim, parece até ridículo

Um bichinho se assanhar

E o jumento, o que é que tem?

- As patas.

E o cachorro, o que é que tem?

- Os dentes.

Ponha tudo junto e de repente

Vamos ver no que é que dá

Junte um bico, com dez unhas

Quatro patas, trinta dentes

E o valente dos valentes

Ainda vai te respeitar

Todos juntos, somos fortes

Somos flechas e somos arcos

Todos nós no mesmo barco

Não há nada pra temer

- Ao meu lado há um amigo

que é preciso proteger

Todos juntos somos fortes

Não há nada pra temer

Uma gata, o que é que é?

- Esperta

E o jumento, o que é que é?

- Paciente

Não é grande coisa realmente

Pra um bichinho se assanhar

E o cachorro, o que é que é?

- Leal

E a galinha, o que é que é?

- Teimosa

Não parece mesmo grande coisa

Vamos ver no que é que dá

Esperteza, Paciência

Lealdade, Teimosia

E mais dia, menos dia

A lei da selva vai mudar....” (HOLANDA, Chico Buarque,
1979, Todos Juntos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utópico pode ser tantas coisas em nossa caminhada, por exemplo na minha houve tantas projeções que considerei como altas demais para alcançar...

Já quis muito acreditar que, um dia estaríamos diante de tudo o que sempre sonhamos: uma sociedade igualitária, acesso sem distinção aos diversos saberes (e até mesmo, saber e conhecer simplesmente por enriquecimento pessoal e não como alavanca social)... porém, este sonho se distancia cada vez mais e mais diante de meus olhos. Talvez quando finalmente conseguirmos que as pessoas se respeitem mutuamente (umas as outras) bem como as diversas formas de se vivenciar a realidade surja outro aspecto que torne necessário o nosso levantar e continuar.

Hoje, quero simplesmente acreditar que o grande segredo de um êxito em nossa caminhada, em nossa luta, esteja exatamente em nossa união, no modo como podemos nos abraçar e nos fortalecer (aceitando que as divergências existam, mas que não atrapalhem nosso prosseguir); permitindo-nos não somente a perspectiva de sermos eternamente educadores, comprometidos com a educação, mas também o de estender essa responsabilidade aos demais componentes dessa grande teia chamada sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. Reformas Educativas Hoje na América Latina. in Currículo: Políticas e práticas, Antonio Flavio Barbosa Moreira (org). Campinas, S.P. Papirus, 1999 (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico);

CUNHA, Luiz Antonio. (1991). *Educação, Estado e Democracia no Brasil: A educação e a Construção de uma sociedade aberta*. São Paulo, Cortez; FACSÓ;

HOLANDA, Chico Buarque, 1979, A Galinha;

HOLANDA, Chico Buarque, 1979, Todos Juntos;

HOLANDA, Chico Buarque, 1979, Um dia de Cão;

OMOTE, Sadao. (1996). *Perspectivas para conceituação de deficiências*. Revista Brasileira de Educação Especial. Volume II, número 4;

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, PARK, Margareth Brandini, FERNANDES, Renata Sieiro e orgs. (2001). Educação Não-Formal – Cenários da criação. Campinas, S.P., Unicamp;

SOARES, Carmen Lúcia.(1996). *Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade*. Revista Paulista de Educação Física, p. 6-12;